

Claiton Marcio da Silva

Professor da UFFS

Onde está o “pessoal dos direitos humanos”?

Pobre do país em que um filme do calibre de “Tropa de Elite” sirva como principal referência sobre os direitos humanos para uma grande parcela da população. “Onde está o ‘pessoal dos direitos humanos’?”, perguntam-se os críticos, frequentemente, diante de uma notícia de jornal. “Protegem os bandidos que matam cidadãos honestos”; “onde estava o ‘pessoal dos direitos humanos’ para proteger o cidadão de bem?”. Inúmeros são os questionamentos, sabemos. Historicamente, o processo de condução política das elites brasileiras colocaram em oposição a questão da defesa dos direitos humanos e a sociedade civil em geral. É como se apenas um grupo tivesse esta incumbência no país todo, e aos demais, bastaria uma postura ao estilo Pôncio Pilatos: “isto não é da minha alçada”. O estereótipo do defensor dos direitos humanos abordado no filme citado não contribui em nada: um professor de história – Diogo Fraga, interpretado pelo ator Irandhir Santos – que se torna deputado estadual e marido justamente de Rosane, antes esposa do Capitão Nascimento, têm uma personalidade contraditória e é praticante de um ativismo “vazio” em relação aos Direitos Humanos. Em outras palavras, o estereótipo de Fraga auxilia na negação da população em geral como defensora dos direitos humanos. Na semana passada, no dia 20/03, uma parceria entre a Secretaria Nacional de Direitos Humanos, a Universidade

Federal da Fronteira Sul e diversas entidades inauguraram em Chapecó o Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH). E muitas expectativas cercaram a criação deste CRDH na região oeste de Santa Catarina, uma região marcada pela violação dos direitos humanos por parte do estado. Dentre tantas interpretações, tantas necessidades e tantas perspectivas que podem orientar a atuação do CRDH, a tônica fornecida pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos para 2014 sugere que passemos a acentuar o debate em torno dos cinquenta anos da Ditadura Militar no Brasil. A orientação é acertada, uma vez que se a ditadura não é a raiz de todos os problemas brasileiros, tal momento nefasto da história política ainda seduz novas gerações. A militarização do estado brasileiro produziu, sob o contexto da Guerra Fria, um enfrentamento constante onde todos aqueles que não estivessem alinhados com a corrente de pensamento preponderante dentro do Estado – ordem, disciplina, hierarquia – estavam sujeitos a algum tipo de repressão. Ao longo dos vinte e um anos de assalto por parte dos militares ao estado brasileiro (1964-1985), a “caça aos comunistas” legitimou um longo processo coercitivo não só aos simpatizantes de diferentes doutrinas políticas; favoreceu também a repressão de ordem moral, social, cultural. De “perseguidores de comunistas”, ou sob essa alegação, o estado brasileiro criou um aparato repressivo a todo o tipo de

diferença, relegando à margem grande parte da população brasileira e à ela destinando os porões, à tortura ou a violência na luz do dia. Durante a transição do regime autoritário para a Nova República (1985), as elites políticas e econômicas dirigentes procuraram assentar os conflitos entre militares e sociedade civil, assim como buscaram ocultar as práticas de violência durante a ditadura. Com isto, quase trinta anos depois, amargamos resquícios daquele período, como o atual aparato repressivo militar no Brasil, campeão nas estatísticas de violação dos direitos humanos. Também, a podemos evidenciar a herança de uma determinada ideia de que, se o cidadão comum não se envolver com política ou qualquer atividade “subversiva”, o aparelho repressivo o deixará em paz. O que não é verdade. O aparato repressivo da ditadura militar não foi desmobilizado, e a única linguagem que conhece, é o exercício da violência. Em resumo, para sermos defensores dos direitos humanos, não precisamos ser o estereótipo abordado no filme Tropa de Elite 2: ao debater ditadura e violação dos direitos humanos, o maior ganho de um Centro de Referência é demonstrar para a sociedade em geral que todo cidadão é um defensor dos direitos humanos. E sempre que alguém perguntar “onde está o pessoal dos direitos humanos?”, não hesitaremos em responder: “aqui está o pessoal dos direitos humanos.”